



---

## NOTA SOBRE OCORRÊNCIAS E SIGNIFICADOS DE *SAECULUM* EM AGOSTINHO

*Note on Occurrences and Meanings of Saeculum in Augustine*

Luiz Marcos da Silva Filho<sup>1</sup>

**RESUMO:** Nesta nota técnica, eu analiso os significados, ambiguidades e equivocidades de *saeculum* em *Confissões*, XI, e *A cidade de Deus*, XIII, i; XV, i e XXI, para entender melhor as concepções agostinianas de “eternidade”, “tempo”, “história universal”, “tempo cósmico”, “tempo histórico” e “mundo”.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Saeculum*; Eternidade; Tempo; História; Mundo.

**ABSTRACT:** In this technical note, I analyze the meanings, ambiguities and equivocities of *saeculum* in *Confessions*, XI, and *The city of God*, XIII, i; XV, i and XXI, to better understand the Augustinian conceptions of “eternity”, “time”, “universal history”, “cosmic time”, “historical time” and “world”.

**KEYWORDS:** *Saeculum*; Eternity; Time; History; World.

Nesta nota técnica, analisarei as ocorrências de *saeculum* nas *Confissões* e em *A cidade de Deus*, com o propósito de proporcionar algum aporte teórico para a investigação em Agostinho de suas concepções de “eternidade”, “tempo”, “história universal”, “tempo cósmico”, “tempo histórico” e “mundo”, as quais aparecem por vezes sob a rubrica de *saeculum*, nem sempre com uma clara univocidade. Com efeito, *saeculum* em Agostinho guarda notáveis equivocidades e ambiguidades, ademais exigindo por parte do intérprete dimensão de problemas filosóficos e teológicos complexos para decidir como ler *saeculum* em seus diferentes registros. Assim, o presente levantamento delimitou estrategicamente algumas ocorrências de *saeculum* em momentos-chave das obras e dos livros em que o intérprete encontra maior desenvolvimento da meditação agostiniana sobre a eternidade, a temporalidade e a história. Com mais precisão, apreciaremos a seguir

---

<sup>1</sup> Doutor em filosofia pela Universidade de São Paulo (USP) e professor na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). E-mail: lmarcosfilho@gmail.com

as ocorrências de *saeculum* em *Confissões*, XI, e *A cidade de Deus*, XIII, i; XV, i e XXI (entre as mais de duzentas incidências nesta obra).

No livro XI das *Confissões* (doravante *Conf.*), há somente seis ocorrências, o que é surpreendente em se tratando de um livro concentrado no problema da eternidade e do tempo a partir de exegese do primeiro versículo do *Gênesis* (“No princípio, criou Deus o céu e a terra”). As ocorrências parecem mobilizar sentidos precisos em:

*Conf.*, XI, i, 1<sup>2</sup>: Uma única ocorrência de *saeculum* por meio da citação do *Salmo* 117, 1: “[...] *quoniam in saeculum misericordia tua*”. Vários tradutores entenderam *saeculum* aí como sinônimo de “eternidade”, talvez supondo que o sentido seria o de *saecula saeculorum*. A tradução de Antonio Pereira de Figueiredo, direto da Vulgata “moderna” e bastante literal em relação ao latim (várias vezes coincidentes com a *Vetus Latina* ou a “Bíblia” de Agostinho, embora não aqui), traduz “porque a sua misericórdia se estende a todos os séculos”. A *Bíblia de Jerusalém*, que traduz os Salmos direto do hebraico, ao qual Agostinho não tinha acesso, apresenta como “porque o seu amor é para sempre”. Assim, tudo indica que na “Bíblia” de Agostinho o sentido era mesmo de eternidade, neste caso entendido por ele como perenidade e não como atemporalidade, conforme é explicitado o significado do redobro *saecula saeculorum* em *A cidade de Deus*, XXI, xxiii (cf. *infra*). Não obstante pareça estranho *saeculum* sem redobro, como citado aqui por Agostinho, guardar significado de eternidade ou perenidade, todavia parece não haver dúvidas de que este é o seu sentido, pois o mencionado trecho do Sl 117, 1, é uma anáfora presente nos quatro primeiros versículos deste Sl e provavelmente conhecidíssimo na época de Agostinho por qualquer catecúmeno.

*Conf.*, XI, xiii, 15: Das seis ocorrências de *saeculum* no livro XI, metade, ou seja, três estão aqui neste parágrafo 15, todas com o mesmo sentido, aparentemente. O contexto é de refutação da absurda pressuposição de que haveria tempo antes do tempo por parte daqueles que ímpia e irracionalmente questionam o que fazia Deus antes de criar e por que Ele demorou tantos *saecula* para criar o mundo. O sentido nas três ocorrências

---

<sup>2</sup> As citações de Agostinho seguirão esse padrão, que, no caso, quer dizer livro XI, capítulo i, parágrafo I, das *Conf.*. Na ausência de menção, todas as traduções são de responsabilidade minha, a partir da edição do *Corpus Christianorum*.

parece ser de temporalidade, não necessariamente histórica, e de tempos múltiplos de cem anos.

*Conf.*, XI, xxviii, 38: Uma única ocorrência com sentido de “história universal”, no contexto de exame da interfixação no espírito entre passado, presente e futuro na experiência de cantar uma canção (ou mesmo na recitação de cada uma de suas partes, a saber, palavras e sílabas), a qual é apresentada em analogia com a história biográfica de alguém (“*tota vita hominis*”), “cujas partes são todas as ações de um homem” (“*cuius partes sunt omnes actiones hominis*”), a qual, por sua vez, é análoga “ao século/história inteira dos ‘filhos dos homens’, cujas partes são todas as vidas dos homens” (“*toto saeculo filiorum hominum, cuius partes sunt omnes vitae hominum*”).

*Conf.*, XI, xxxi, 41: Uma única e última ocorrência no livro XI, com sentido de temporalidade, em continuidade e desdobramento da investigação da analogia entre o modo de conhecer divino, do ponto de vista totalizante da eternidade, e o modo de conhecer humano, do ponto de vista do tempo (como *distentio*, *extentio* e *intentio*). Para tanto, o conhecimento humano da totalidade de uma canção é disposto novamente como exemplo, mas agora em analogia ao que poderia ser a compreensão divina da totalidade de todos os tempos ou, a pensar se é o caso, da história universal. *Saeculum* aparece no plural em referência aos “séculos que restam” (“*reliquum saeculorum*”), que seriam conhecidos por Deus em semelhança e dessemelhança ao modo como um ser humano no ato de cantar conhece, durante a canção, “o quanto resta [dela] até o fim” (“*quantum restet ad finem*”). A pensar se se trata da “história universal”, porque talvez se deva mobilizar aqui a distinção proposta por Marrou entre “tempo histórico” e “tempo cósmico”: o “tempo histórico, o tempo segundo a Queda [...] é [...] apenas um aspecto da temporalidade [...]. É preciso conceber o que poderíamos chamar de um tempo cósmico, o tempo no qual se desdobra a obra da Criação divina”<sup>3</sup>.

Em *A cidade de Deus* (doravante, *DCD*), entre as mais de duzentas ocorrências, na primeira parte (livros I a X), há somente quinze incidências, já na segunda parte (livros

---

<sup>3</sup> “[...] *temps historique, le temps d’après la Chute [...] n’est [...] qu’un aspect de la temporalité [...] Il faille concevoir ce qu’on pourrait appeler un temps cosmique, le temps dans lequel se déploie l’oeuvre de la Création divine*”. MARROU, 1950, p. 65-66.

XI e XXII), há todas as restantes. Abordarei aqui as ocorrências em somente três livros: XIII, XV e XXI, em que as ocorrências parecem estratégicas para a elucidação de multiplicidade de sentidos no interior da narração agostiniana e exercício de inteligência a partir da revelação de uma história universal.

*DCD*, XIII, i: Em todo livro XIII, há somente esta ocorrência: “Desembaraçadas as difícilimas questões sobre a origem de nosso século e sobre o início do gênero humano...” (“*Expeditis de nostri saeculi exortu et de initio generis humani difficillimis quaestionibus...*”). O sentido, diferente de todos aqueles de *Conf.*, XI, parece ser antes topológico (ainda que não necessariamente espacial) do que temporal, como “mundo”. Markus (1970) examina vários sentidos topológicos de *saeculum*, entre os quais se destaca o espaço histórico em que as duas cidades estão *permixtae*, que, todavia, não parece ser o presente aqui em XIII, i, mas vale dizer que a obra de Markus ainda é um dos comentários mais denso e incontornável na literatura crítica sobre *saeculum* na obra agostiniana e na Antiguidade Tardia, com a virtude de problematizá-lo no interior de uma história das ideias.

*DCD*, XV: Encontram-se dezenove ocorrências de *saeculum* (desconsiderando aquelas nos títulos dos capítulos adicionados por copistas). Aqui, concentro-me em XV, i, 1, em que Agostinho apresenta com todas as letras *saeculum* como sinônimo de história universal: “Afinal, a totalidade do tempo ou século, em que há sucessão e desaparecimento de morrentes e nascentes, é o decurso/percurso/desenvolvimento destas duas cidades, de que trataremos...” (“*Hoc enim universum tempus sive saeculum, in quo cedunt morientes succeduntque nascentes, istarum duarum civitatum, de quibus disputamus, excursus est...*”). Neste caso, se procede a distinção mencionada anteriormente entre “tempo histórico” e “tempo cósmico” proposta por Marrou, *saeculum* guarda sentido de “tempo histórico” (após a queda ou fratura entre homem e natureza e anterior ao fim dos tempos) e não de “tempo cósmico” (um tempo ordenado ou cosmológico sem contradições reais<sup>4</sup>).

*DCD*, XXI: Este livro realiza primordialmente exegese de *Apocalipse* para buscar a inteligência da revelação do suplício eterno ou da segunda morte dos cidadãos terrenos.

---

<sup>4</sup> Para um aprofundamento sobre os traços constitutivamente contraditórios da condição humana ou sobre fundação do “tempo histórico” em inadequação com um “tempo cósmico”, cf. SILVA FILHO, 2020.

Das vinte e três ocorrências de *saeculum*, os três sentidos mais frequentes são como: (i) *futurum saeculum*, (ii) *saecula saeculorum* e (iii) *hoc saeculum*:

- (i) *Futurum saeculum* aparece, por exemplo, em *DCD*, XXI, v, 2 e xiii. Em XXI, xv, há a ocorrência também de *novum saeculum*, provavelmente com o mesmo significado de *futurum saeculum*, a saber, como “futuro mundo” e “novo mundo” em referência à esperança cristã num “mundo futuro”, em que os seres humanos salvos viverão em paz e felicidade plenas após a ressurreição dos mortos, algo como um novo paraíso, que pode, não obstante, conter ainda um sentido de temporalidade, se a hipótese de Marrou de um “tempo cósmico” procede e se se admite que a alma da criatura racional é constitutivamente temporal.
- (ii) *Saecula saeculorum* aparece em geral por meio de citações de *Apocalipse*, por exemplo, em *DCD*, XXI, xxiii; xxiv, 4, 5; xxvi, 3. Em XXI, xxiii, Agostinho diz com todas as letras que *saecula saeculorum* significa perenidade, perpetuidade, temporalidade sem fim, para esclarecer o sentido terrível de pena ou suplício ou morte eternas: “está escrito no *Apocalipse*: ‘o Diabo, que os seduzia, foi lançado no lago de fogo e de enxofre, aonde também foram a besta e o falso profeta, onde serão atormentados dia e noite pelos séculos dos séculos’ (Ap. 20, 9-10). O que lá foi chamado de ‘eterno’, aqui é chamado de ‘séculos dos séculos’, com que a Escritura não costuma significar senão o que não tem fim no tempo” (“*scriptum est in Apocalypsi: ‘Diabolus, qui seducebat eos, missus est in stagnum ignis et sulphuris, quo et bestia et pseudopropheta; et cruciabuntur die et nocte in saecula saeculorum’ [Ap. 20, 9-10]. Quod ibi dictum est ‘aeternum’, hic dictum est ‘in saecula saeculorum’, quibus verbis nihil Scriptura divina significare consuevit, nisi quod finem non habet temporis*”).
- (iii) *hoc saeculum* guarda o sentido de “este mundo”, talvez reunindo significado tanto topológico, quanto temporal, por exemplo, em *DCD*, XXI, xxiv, 2; xxvi, 2, em clara referência ao lugar em que os seres humanos se encontram em condição pecaminosa, mas também de lugar em que a graça e a presença do absoluto revelam-se. Assim, *hoc saeculum* guarda significado de dupla

valência esclarecido mais uma vez pelo trabalho de Marrou (1950), que propõe concepção ambivalente do tempo histórico.

Em suma, pensar sobre os significados, equivocidades e ambiguidades de *saeculum* na obra agostiniana é expediente estratégico para melhor compreensão de alguns de seus temas e problemas mais elevados e originais: a eternidade, o tempo e a história. Para destacar um ponto em que a reflexão sobre a teologia e/ou filosofia da história agostiniana talvez ainda não tenha conferido a devida atenção, sublinho mais uma vez que “tempo” e “história” não guardam necessária sinonímia, pois é preciso discernir um “tempo cósmico”, em que a racionalidade com que Deus criou o mundo é efetiva, e um “tempo histórico”, fundado pela instituição humana de uma contradição original. No entanto, ambas as temporalidades aparecem sob a rubrica de *saeculum*, que com a adição também de seus significados de “eternidade” e de “mundo”, nos contextos de exegese e meditação sobre o “lugar” e a “situação” do homem, pode conduzir-nos a uma polissemia filosoficamente mais profusa do que a equivocidade e a ambiguidade, porquanto reveladora de uma inadequação essencial entre ser, pensar e dizer constitutiva do “homem que anda em círculos carregando sua mortalidade”<sup>5</sup> ou daqueles que “preferem andar em curto-circuito a seguir o caminho verdadeiro e reto”<sup>6</sup>.

## Referências

AUGUSTINUS. *Confessiones*. Corpus Christianorum Series Latina XXVII. Turnhout: Brepols, 1990.

AUGUSTINUS. *De civitate dei* (Libri I-X). Corpus Christianorum Series Latina XLVII. Turnhout: Brepols, 1955.

AUGUSTINUS. *De civitate dei* (Libri XI-XXII). Corpus Christianorum Series Latina XLVIII. Turnhout: Brepols, 1955.

AUGUSTINUS. *Confissões*. Trad. Lorenzo Mammì. São Paulo: Penguin Companhia das Letras, 2017.

MARKUS, R. A. *Saeculum: History and Society in the Theology of St Augustine*. New York: Cambridge University Press, 1970.

---

<sup>5</sup> “[...] *homo circumferens mortalitatem suam*”. *Conf.*, I, i, 1; 2017, p. 33 (tradução de Lorenzo Mammì).

<sup>6</sup> “[...] *in circuitu falso ambulare quam vero et recto itinere malint*”. *DCD.*, XII, xvii, 2.

MARROU, H-I. *L'ambivalence du temps de l'histoire chez saint Augustin*. Montréal-Paris: Vrin, 1950.

SILVA FILHO, L. M. DA. “Ontologia, linguagem e história em Agostinho: contradição e sexualidade n’*A cidade de Deus*”. *Dissertatio*, Pelotas, volume suplementar 10, p. 243-270, 2020, ISSN 1983-8891. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/dissertatio/article/view/20221>. Acesso em 30 maio 2021, doi: 10.15210/DISSERTATIO.V0I0.20221.